

Ngungunyane viveu e morreu como grande herói do Povo

— Presidente Samora Machel, ao homenagear o "Leão de Gaza", a quem considerou "um chefe justo, magnânimo e generoso" N. 17/6/85

Durante a cerimónia solene coornoa sábado, no Salão Nobre do Conselho Executivo da Cidade de Maputo, na recepção dos restos mortais do Imperador Ngungunyane, o Chefe do Estado moçambicano fez uma intervenção em que destacou o exemplo de grande dirigente do "Leão de Gaza". É o seguinte o texto integral do discurso de homenagem:

«Senhores membros da Direcção do Partido Frelimo e do Estado moçambicano,

Senhores membros do Corpo Diplomático, Compatriotas,

Recebemos hoje os restos mortais de Ngungunyane. Daqui, desta cidade, há cerca de um século, partiu a ferros para o caliveiro, longe da Pátria.

Deixava então atrás de si uma terra dominada, ocupada, humilhada. Agora regressa a esta mesma terra, à mãe Pátria, já livre, independente e soberana.

Este é um momento emocionante para todos nós. É uma ocasião em que resgatamos ao passado a sua verdadeira grandeza para nela realirmarmos os traços permanentes da nossa cultura, da nossa personalidade, da nossa identidade nacional.

Foi por isso que lutámos e tornámos livre e independente a nossa Pátria.

Dez anos depois da proclamação da nossa Independência, no solo insubmisso e soberano da República Popular de Moçambique, entoamos as canções vitoriosas da nossa Luta Armada de Libertação Nacional, porque os mais profundos anseios de homens como Ngungunyane se tornaram realidade.

De Cabo Delgado ao Maputo, em Nampula como em Inhambane, no Niassa, em Sofala, em Manica ou na Zambézia, em Tete como em Gaza, esses homens souberam, ao longo dos séculos, dizer NÃO ao agressor e ocupante estrangeiro.

Lutaram contra eles de armas na mão, e com dignidade sou-

beram sofrer torturas e morreram em nome da Liberdade.

Na história gloriosa e dolorosa da resistência dos mocambicanos ressoam os exemplos inesquecíveis de homens como Mourassa e Morimo, os régulos Magala e Moamba, Zwagendaba, Manicusse, os chefes Quitangonha e Matibane, o Sultão de Angoché, Vicente da Cruz, o Bongor, o régulo Melaure, o Xeique Ibraímo, o Sultão Mataka, Maguiguane, os heróis de Quissungo, Mujenja, Namarrais, Ribáuê, de Bárúê.

O seu exemplo de coragem, de luta, de resistência permanente, ensinou-nos a amar melhor a liberdade e a desejar morrer por ela, para que o nosso povo fosse livre.

O espírito dessa geração de resistentes à ocupação acompanhou-nos quando, em 1962, fundámos a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), inspirou-nos em 1964 ao darmos os primeiros tiros do combate libertador, vibrou connosco a emoção da Independência do 25 de Junho e hoje, celebra connosco a primeira década da nossa liberdade.

Mdungaz Ngungunyane foi um desses homens.

Há cerca de cem anos, em Janeiro de 1896, foi obrigado, pela força das armas, ao exílio, longe do seu Povo, longe do seu País. Acompanhado pela nostalgia e pelo choro dos que deixava, mas certo de que a resistência contra a ocupação portuguesa continuava, partiu o herói do Império de Gaza.

Regressa hoje, à sua Pátria livre e independente, como herói do Povo moçambicano, do Rovuma ao Maputo.

Em Ngungunyane saudamos o estadista que soube definir a unidade, a soberania e a independência do seu Estado como os valores sagrados e indiscutíveis aos quais se devem submeter, todos os outros.

Pela continuidade do Império de Gaza ameaçado pela brutalidade do colonialismo e pelas divisões internas por este fomentadas, ele soube pôr em prática a concepção de que somente a unidade de todo o povo poderia derrotar o Invasor.

Em nome dessa unidade, ele procurou alianças e ligações familiares com reinos vizinhos, do Zimbabué a Suazilândia; enviou

embaixadas a Londres e a Lisboa, desenvolveu uma intensa actividade diplomática.

Ele foi a primeira grande figura da história moçambicana em confronto directo com o imperialismo moderno, opondo-se às novas formas de domínio e de exploração que os colonialismos português e britânico introduziram na África Austral.

E, com frequência, soube manipular as suas contradições internas para a defesa e salvaguarda da independência e soberania do seu Povo.

Em Ngungunyane reconhecemos o exemplo do grande Chefe Militar, do grande guerreiro que deseja a Paz e está disposto a lutar por ela.

Por isso inculcou nos seus regimentos o ódio ao inimigo, o desejo da vitória, a concepção de que nada há mais sagrado do que o solo pátrio, que é preciso defender.

Equipou os seus guerreiros com armas de fogo modernas para enfrentar o poderio militar do inimigo e introduziu novas tácticas de combate.

Mas tentou sempre combinar a ofensiva dos seus regimentos com a diplomacia.

Criado e educado nos princípios guerreiros da coragem, da valentia, da disciplina e da honra militar próprias do seu povo e da sua cultura, ele somente recorreu à guerra e aos confrontos armados em último recurso.

Na longa história de violência e destruição coloniais de que os combates de Marracuene, de Magui, de Coolela e de Manjacaze são alguns dos principais marcos, ele procurou com frequência criar condições para poder oferecer uma paz honrosa ao inimigo.

Em Ngungunyane nós homenageamos hoje também o grande dirigente, amado e respeitado pelo seu povo.

Imperador do Reino de Gaza, prestigiado e poderoso, ele foi o digno sucessor de Manicusse, o fundador da nação, e de Muzila. Foi um chefe justo, magnânimo e generoso.

Ngungunyane foi cantado pelo seu Povo como o Pai da sua

nação que vivia por ele como o corpo vive pela cabeça, foi cantado como a água que se tira do poço mas brota de novo, como o capim destruído pelo fogo que nasce outra vez.

Como Chefe ele não tinha grupos, sabia situar-se acima de todos eles e a todos escutar para bem do seu Povo.

As suas armas jamais foram erguidas ou desembainhadas sem que a justiça fosse feita, com a punição severa da tração, da cobardia ou do crime.

No exílio, longe das livres e douradas planícies de Gaza, distante do amor, da consideração e da força do seu Povo, Ngungunyane viveu a altivez e a nobreza com que sempre olhara o inimigo.

Embora distante da Pátria, ele nunca abdicou da sua condição de Chefe de um grande Povo e de uma grande Nação.

Entoando por vezes para si as canções de guerra e de caça que aprendera desde jovem, outras vezes silencioso e pensativo, usando com frequência a coroa de cera, símbolo da sua sabedoria e da sua nobreza, ele dedicou os últimos anos da sua vida ao estudo da arte militar.

No seu coração, a resistência que sempre opusera à brutalidade da ocupação e da exploração coloniais, manteve-se viva até ao último momento.

O seu sonho de liberdade, de Independência e de soberania é hoje uma realidade. Aqui o acolhemos, hoje, na Pátria livre e soberana, para a eternidade t'a História do nosso povo e da nossa luta.

Ngungunyane viveu e morreu como grande herói do nosso Povo, como Herói moçambicano.

A sua vida, o seu exemplo de abnegação, de coragem e de heroísmo, o seu amor ao Povo e à Pátria, são incentivos permanentes para a nossa própria luta.

A sua memória faz crescer e consolidar a consciência nacional e patriótica das presentes e futuras gerações moçambicanas.

Mdungaz Ngungunyane, Ingwenyame! Bem-vindo seja à tua Pátria, à terra livre moçambicana. Bem-vindo seja, ó «Leão de Gaza», aquele que há tanto era esperado.

Aqui, neste solo generoso e fértil que tantos heróis abriga, repousarás, e para sempre serás o símbolo da nossa determinação em sermos livres e independentes.

Pelos teus feitos, os nossos continuadores saberão que desde sempre, o Povo moçambicano, do Rovuma ao Maputo, lutou pela sua Pátria. A resistência heróica que opusete à ocupação colonial sintetiza a resistência secular do nosso Povo à opressão e dominação. Nela os nossos continuadores aprenderão o sentido da Pátria.

Sê bem-vindo, pois, ó herói, ao teu povo.

Bayete Ingwenyame!

A Luta Continua!»